**INTRODUÇÃO**

O objetivo do autor com o artigo é levar o leitor a reflexão sobre o que está por trás dos princípios de educação. Indo mais a fundo, o autor se esforça para apresentar desde os argumentos filosóficos de Sócrates, passando pelas escolas de pensamento da educação, até o embate com a cosmovisão cristã, para enfim, traçar respostas para a pergunta: O que é educar? E a mais profunda ainda: O que é o saber?

**RESUMO**

O artigo inicia com a preocupação de entender o papel da epistemologia na área do conhecimento. À medida que o conhecimento é considerado de forma mais ampla, surgem três questões ou preocupações epistemológicas específicas: Entender a natureza do conhecimento, entender o processo do conhecimento, distinguir o verdadeiro conhecimento da mera opinião.

Surge a partir de então a preocupação epistemológica em estabelecer uma distinção entre verdadeiro conhecimento e mera opinião. Conhecimento *versus* opinião: a epistemologia busca, ao final, estabelecer parâmetros para esta distinção.

**O PROBLEMA EPISTEMOLÓGICO: A *ANAMNESIS* DE SÓCRATES**

O autor passa a explorar uma complicada teoria de Sócrates para explicar o dilema filosófico de onde vem o conhecimento e como aprendemos. Sócrates procura resolver esse problema ensinandoa doutrina da *anamnesis*, ou seja, que o aprendizado é “rememoração” de um conhecimento universal da alma eterna, mas “esquecido” a cada vez que a alma reencarna:

Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as

coisas [que estão] aqui quanto as [que estão] no Hades, enfim, todas as coisas,

não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto

com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível a ela rememorar aquelas

coisas justamente que já antes conhecia. (PLATÃO, *Mênon*, 81c.)

O autor passa a expor cinco dificuldades de se aplicar a teoria socrática. A primeira dificuldade é que a doutrina da anamnese depende de uma série de pressupostos religiosos(eternidade da alma, conhecimento universal, reencarnação, etc.).

Segunda dificuldade é que o diálogo ensina a doutrina da anamnese, dedutivamente. Eis aí a dificuldade. Mênon pede a Sócrates: “Mostra-me de qualquer modo que as coisas de fato se passam assim como o dizes”, mas, ao atender a este pedido, Sócrates não pode fazê-lo estritamente nos parâmetros que a doutrina requer!

A terceira dificuldade é que a questão dos pressupostos religiosos na base da doutrina da anamnese cria um dilema para o educador contemporâneo.

Uma quarta dificuldade, maior e mais profunda. Todo o raciocínio de Sócrates pressupõe que, porque já conhece a verdade (encerrada na alma, apenas esquecida), toda pessoa será capaz de reconhecê-la e, assim, desejá-la: bastará contemplar a verdade, o belo, o justo, e a alma assentirá prontamente. É possível admitir tal positividade em todos os casos de ensino?

O autor reage contra o posicionamento socrático afirmando que “Todo bom educador saberá que o convencimento da verdade, muitas vezes, requer esforço”. Porém, a questão ainda não se demostra respondida ou compreendida. O que permanece, entretanto, é a centralidade epistemológica do problema do Mênon: como justificar o conhecimento e escapar ao ceticismo?

**A ATUALIDADE DO PROBLEMA**

O autor passa apresentar então que sempre existirá uma crença básica que fundamentará como o ensino é transmitido e influenciará como ele chega até o aluno. Ele apresenta outro autor, George Kneller, no clássico *Introdução à Filosofia da Educação*, identificando quatro das principais classes de teorias contemporâneas quanto aos pressupostos sobre educação. São elas: Perenealismo, Essencialismo, Progressivismo, Reconstrucionismo.

Depois de explicar as principais diferenças de cada classe filosófica da educação, o autor destaca alguns pontos a serem observados. Primeiro, nenhuma das classes de pressupostos educacionais resolve de forma real o dilema sofístico. Segundo, existe uma tensão entre conteúdo e método. Terceiro, questões relativas à natureza, fonte e estrutura do conhecimento. Em todas as visões, permanecem no âmbito tácito.

Desta maneira, o autor termina esta seção sem muitas conclusões e parte para em seguida começar a explorar mais de maneira prática a problemática enfrentada pelo educador cristão. Ele parte pelo caminho que seja aclarar as questões explícitas e tácitas envolvidas no debate e, então, explorar as implicações pressuposicionais e morais em particular.

**A TEORIA INFLUENCIA A PRÁTICA?**

Para o autor, toda reflexão e prática educacional envolvem elementos explícitos e tácitos, é fundamental definir esses dois termos a partir de agora: Os elementos explícitos são sempre conscientemente considerados na prática educacional: todo professor ou professora reflete sobre o conteúdo a ser ensinado e o método de transmissão do saber. Os elementos tácitos nem sempre são examinados, mas são determinantes e estão sempre ativos. Esses elementos tácitos, tornados explícitos ou não, formam sempre a base de pressupostos que dirigem a atividade educacional do educador e, tacitamente, são comunicados ao educando.

Esses elementos explícitos tem um duplo efeito no educando:

*- Explicitamente*, tanto o conteúdo do conhecimento transmitido quanto o método do saber são transmitidos ao aluno coloridos e matizados pelos pressupostos dos educadores (desde autores do conteúdo, idealizadores pedagógicos e autores do material didático, até a professora ou professor).

- *Tacitamente*, os próprios pressupostos dos educadores são, em diferentes graus, absorvidos pelo educando, passando a compor sua cosmovisão.

A partir deste entendimento, que os pressupostos dos educadores estarão sempre presentes na atividade do ensino, o autor afirma que os pressupostos epistemológicos não são neutros e ninguém alcançará neutralidade de pressupostos na prática educacional.

O autor, inicia então, um ataque contra o mito da neutralidade. Ele afirma que o problema, entretanto, não é apenas a existência do mito da neutralidade, o efeito do mito no sentido de criar a ilusão de que alguém poderia educar à parte de seus pressupostos mais profundos e o fato de que muitos educadores cristãos têm comprado essa ideia. É que o mito tem também consequências práticas e imediatas para a educação. A ideia de que os pressupostos possamser deixados de lado no processo educacional é ingênua e perigosa.

**O CONHECIMENTO É INSEPARÁVEL DO ASPECTO MORAL**

O autor passa agora a defender que não existe a possibilidade de reflexão epistemológica sem algum tipo de pressuposto. Destaca também que naconcepção judaico-cristã o conhecimento é certamente moral em sua própria natureza. A educação que alega independência de pressupostos epistemológicos relacionados a crenças mantidas pela fé, faz dessa posição sua “confissão de fé”. Alega ser secular e racional, mas sua racionalidade depende de fé racionalista e religião secular.

**ESTRUTURA DO CONHECIMENTO NA COSMOVISÃO CRISTÃ**

A partir de agora o autor explora a cosmovisão cristã de educação e os benefícios que ela traz. Uma epistemologia cristã mostra-se, estruturalmente, mais flexível do que as propostas secularistas. Porque não depende da própria estrutura para sua coesão, antes, depende de sua teo-referência (Deus é o ponto de referência ou transcendência), a epistemologia cristã permite que as questões estruturais sejam flexibilizadas em relação aos objetos a serem conhecidos e as relações sociais em que o conhecimento acontece.

O autor apresenta também que a epistemologia cristã é mais flexível afirmando que liberta o sistema e o processo de educação das amarras do pensamento que toma os raios dos círculos da observação e os coloca como eixos primários.

A epistemologia cristã vai se demonstrando mais sólida durante o texto enquanto o autor afirma que “conhecer é tentar pensar analogamente a respeito dos objetos do saber o mesmo que Deus planejou e pensa!”.

**QUANTO AO PROPÓSITO DO CONHECIMENTO**

A resposta à pergunta inicial do artigo vai tomando forma em seus parágrafos finais. O autor afirma que do ponto de vista cristão, o propósito do conhecimento deve ser entendido em uma sequência hierárquica. Os artigos de fé (toda pressuposição, em última instância, é um artigo de fé) determinam tanto o propósito do conhecimento quanto sua sequência hierárquica. A fé cristã bíblica crê que a finalidade principal do homem é “glorificar a Deus” (refletir a glória de seu caráter) e “gozá-lo para sempre” (usufruir o processo de glorificação).

**VANTAGENS EPISTEMOLÓGICAS DE UMA EDUCAÇÃO EXPLICITAMENTE CONFESSIONAL**

Na última seção do artigo, o autor escancara sua posição contra o pensamento socrático e define com sinceridade o argumento que o grande desafio no campo epistemológico, para a educação confessional, é que os pressupostos cristãos rejeitam o pressuposto (acompanhando a reflexão epistemológica desde Sócrates) de que, quando é conhecida, a verdade é automaticamente praticada.

O autor afirma coerentemente que “Qualquer de nós que considere a própria vida, admitirá que nem sempre a verdade conhecida é a “verdade” que escolhemos para obedecer”. Isso significa que a maior dificuldade epistemológica para o estabelecimento de uma cosmovisão cristã implica absorver suas verdades de modo que sejam, de fato, abraçadas e embutidas no arcabouço pressuposicional. O empenho requererá o abandono de posturas e pressupostos que, na maior parte das vezes, estão profundamente arraigados.

**CONCLUSÃO**

Em suas últimas palavras, o autor conclui que o conhecimento somente pode ser adquirido e transmitido a outros, partindo de uma única fonte, a palavra de Deus. Ele cita o texto bíblico de 1Co 1.18-24 que afirma que todo o conhecimento vem de Deus, mesmo que isso pareça loucura para os homens.

Em minha opinião, o autor percorreu muito bem sua linha de pensamento. Mesmo que no começo, explorando o argumento socrático sem chegar a uma conclusão, ele conseguiu trazer o tema ao texto, de maneira que no final, ficou claro sua posição contrária a construção filosófica sobre como adquirimos o conhecimento. Achei interessante a forma de apresentar os dilemas enfrentados para se adquirir uma cosmovisão cristã e aplica-la na educação. Gostei da coragem do autor em afirmar que não existe neutralidade de pressupostos, e como essa postura é perigosa para o educador cristão. Por fim, fica a impressão de como um texto escrito, a partir de uma ótica reformada deve transmitir. Em meio a problemática apresentada, o autor foi intencional ao finalizar o texto trazendo esperança vinda da Palavra de Deus.